

20.

ARGUMENTO DA AUTORIDADE

Em minhas investigações sobre os pares das escolas de design, pude observar que, na formação do *habitus* individual dessa parcela da pequena burguesia, ter passado por “boas escolas” era um argumento invocado normalmente para se classificarem como membros da burguesia, embora fossem apenas pequeno-burgueses. Então, me perguntei sobre o motivo dessa insistência, no fato de quase todos mencionarem ter estudado em “boas escolas”. Entretanto, essa menção era totalmente naturalizada, eles não a percebiam como decisiva em suas formações. Era algo que todos possuíam, algo visto como sendo sem importância. Na verdade, tínhamos aqui um aspecto importante do *habitus* docente, que é a aspiração de ascensão social dessa classe social, conforme já havíamos mencionado mais acima, mas penso aqui que devemos indicar que eles – os pequeno-burgueses – pretendem aparecer como possuidores de atitudes de rebeldia em relação às suas origens de “boas famílias”, embora não tenham “boas famílias” como origem e nunca tenham sido rebeldes.

O burguês rebelde é uma figura social interessante.¹⁰⁰ A noção é datada do romantismo do século XIX, em que o burguês se apresentava falando baixo, muito bem vestido, conhecedor de vinhos, falando alguns idiomas e com boa educação formal. Limpos¹⁰¹ ou perfumados, quase

100 LÖWY, Michael *et* SAYRE, Robert. *Révolte et mélancolie. Le romantismo à contre-courant de la modernité*. Paris: Payot, 1992.

101 Seria interessante lembrar que sujeira e limpeza, assim como discricção e indiferença, também são categorias de classificação social.

sempre sérios (jamais gargalhavam), exibiam discrição, fleuma e indiferença ao mundo que lhes cercava. Dessa forma, caso desejassem, poderiam ser muitas vezes cáusticos e irônicos nas tomadas de posição críticas em relação aos seus valores originais de classe.

Os ex-alunos das “boas escolas” brasileiras a que nos referíamos acima, embora fossem apenas pequeno-burgueses conservadores, pretendiam-se dândis, mas para sê-los nos trópicos era preciso ser abonado e a maioria não era. O legítimo burguês da alta burguesia sempre esteve autorizado a ser rebelde, mas o pequeno-burguês não. Nas “boas escolas” suas diatribes eram toleradas, pois eram “filhinhos de papai”. Já o pequeno-burguês que alegava ter passado por “boas escolas”, “ter grande amizade” ou frequentar eventualmente alguns “filhinhos de papai” reais e suas famílias, afinal estavam todos juntos na mesma escola, tentava se comportar como eles, daí esse *habitus* se caracteriza como uma espécie de argumento de autoridade, embora esses candidatos à distinção pelo capital financeiro, não possuíssem nem capital financeiro nem tampouco o capital cultural que afirmavam possuir. Filhos de pequenos comerciantes ou funcionários públicos, faltavam-lhes as vivências mundanas adquiridas em muitas viagens às capitais europeias ou norte-americanas, um cosmopolitismo que nunca possuíram.

Por outro lado, tinham e passaram a reproduzir um capital particular, o capital social de “pertencer” a esse estrato social ou a esse *habitus* singular pequeno-burguês retrógrado e conservador, mas que se via pertencendo à burguesia e se aglutinava nas “boas escolas”. Ou seja, houve um reforço social de uma prática relacional, que passou ser moeda de troca simbólica para obtenção de favores e prestígio social.

Tal como pude ouvir muito frequentemente entre muitos dos meus alunos de hoje em relação às minhas cobranças em relação aos estudos que deveriam realizar, eles afirmavam que não era preciso “ser” nada na vida, mas “conhecer” ou ter bons amigos. Muitas vezes, possuir um “bom” caderninho de telefones passou a ser um capital simbólico equivalente ao financeiro.

Enquanto as “boas escolas” ainda garantiam a assimilação dos conteúdos, essas pessoas adquiriram um conhecimento formal ou técnico.

Sabiam português, matemática, geografia, história e tinham boa caligrafia, escreviam corretamente e falavam empregando regência verbal e nominal. Porém, com o advento da indústria cultural, a obtenção de informações pela televisão em lugar da leitura dos jornais impressos, a ausência dos debates políticos, embora vindo dessas “boas escolas”, pode-se dizer que os estratos sociais que viriam a formar os docentes das escolas de design passaram a ser bárbaros incultos, ainda que falassem e escrevessem com alguma correção.

Seria interessante observar que o fenômeno é homólogo a quase todas as categorias profissionais das denominadas profissões liberais brasileiras. Por exemplo, hoje, caso você não possua algum “conhecimento”, ou seja, alguém que possa indicar alguém, é muito arriscado confiar nos conselhos profissionais de um médico apenas, ou de apenas um advogado, ou de um único arquiteto, e assim por diante. A crise das profissões liberais é também a crise da educação formal claudicante que a pequena burguesia recebeu nas “boas escolas” e, depois, nas faculdades privadas a partir da ditadura militar. Nos dias de hoje podemos perceber que algumas organizações de classe, tal como os advogados, estão realizando exames de admissão para seus pares ingressarem na carreira profissional, muito embora tenham cursado seus estudos em “boas universidades”. A quantidade desproporcional de reprovações nesses exames sindicais é uma evidência cabal de que há algo errado no âmbito da formação escolar e estou convencido de que o mesmo ocorre no Campo do Design.